

Editorial

Cette histoire est entièrement vraie, car je l'aie imaginée d'un bout à l'autre
(Esta história é totalmente verdadeira, pois inventei-a de um extremo a outro)
Boris Vian – A Espuma dos Dias, epígrafe do filme de Henri Verneuil – “I de Ícaro”

Este ensaio, à guisa de editorial, começou a ser escrito nos dias que antecederam os eventos de 11 de setembro último.

Neste dia, preparava-me para vir à Faculdade, quando me dei conta de que, mais que antes, todos viam, ao mesmo tempo, imagens que inicialmente pareceram-me de ficção. Torres gêmeas, AQUELAS, atravessadas por aviões que explodiam. Mais que nunca, confidenciei aos meus botões a estranheza e o mal-estar diante de tão completa submissão à TV – como era possível, em horário tão insólito, tanta gente assistir a um mesmo “filme catástrofe”, com tanta atenção e compulsão? A ficção tem, muitas vezes, este poder...

A frase, “começou a terceira guerra mundial”, trouxe-me de volta à realidade... *Hélàs*, não se tratava da irrupção da ficção no cotidiano árduo e cru, mas bem de seu contrário. A erupção, na ficção, de um certo cotidiano árduo e cruento. Era como se a cena cristalizada de um certo princípio de realidade irrompesse noutra cena, esta sim de ficção, dentro da qual, de certa forma, até então vivíamos. Aquela de fazer de conta que a violência e o horror estão alhures, enquanto nos instalamos num oásis de bonanças.

Oásis também interrompido por outra cena, também cruenta, a do assassinato do Toninho do PT... Um só “Tratado das Sensações” não seria bastante para descrever as diferentes emoções e estados pelos quais alguém pode passar. Espécie de luz dura a destacar uma certa cena, um estado de flutuação, de estranhamento, estados tão próximos e familiares daqueles que lemos em “A Náusea”, de Sartre ou em “A Metamorfose”, de Kafka.

Como em *flash*, ocorre-me à memória a frase de Adorno: *como é possível a arte, a ficção, após Auschwitz?*

O setembro negro passou mas, desde então, a espessura da escuridão se adensa e o horror se dissemina, atestando que a humanidade ainda é capaz de se superar em barbárie.

O mundo de ponta-cabeça, sem pé nem cabeça, tresloucado... Flutuando sobre a terceira margem do rio, dedálica, vôo como Ícaro. Não em busca do sol, porém em busca da ruptura entre a impossibilidade de escrever e a necessidade compulsiva de o fazer. Diante do impacto do real, na flutuação do precário e do provisório, diante do horror cruento que nos arremessa cada vez mais abaixo dos níveis mínimos da dignidade, mais que nunca é preciso escrever, pintar, desenhar, dançar, cantar, para alçar vôo acima do horror, vizinho ao sol, além do céu... Mas, cada vez mais, dentro da lucidez.

Silêncio, Musa! (...)
Chora, e chora tanto...
Que o pavilhão se lave no teu pranto!

A invocação da poesia condoreira, aqui, tem o efeito de evocar o horror do poeta diante do navio negreiro, por sobre o qual nem mesmo o condor, que voa alto mas vê as entranhas, fica impassível... É ainda Ícaro quem me traz de volta, por intermináveis dédalos, à compulsão da escritura. Já que tudo foi dito, já que tudo é provisório, então, tudo é permitido, inclusive mais tinta!

Evoco a ironia marioandrada, na frase ficção de Padre Jesuíno do Monte Carmelo – *Por que, Pe. Jesuíno, este anjinho saiu tão escurinho? – Faltou tinta, faltou tinta!*

A irrupção da ficção na realidade e a inversão do axioma são da ordem do efêmero. É como se, de repente, um leitor de ficção científica se deparasse com a viabilidade de, através de um espaço vazio qualquer, atravessar “do outro lado”, entrar numa fenda espaço temporal, vivenciando, na prática, o que Einstein provara ser “apenas” da ordem da abstração teórica.

Impossível? Que dizer então da Anfisbena? Ser “imaginário”, descrito por Borges, em seu “Livro dos Seres Imaginários”, cuja existência literária transcrevo a seguir:

A “Farsália” enumera as serpentes verdadeiras ou imaginárias que os soldados de Catão enfrentaram nos desertos da África; ali estão a parca, ‘que, ereta como um báculo caminha’, o jáculo, que vem pelo ar como uma flecha, e a pesada anfisbena, que tem duas cabeças. Quase com iguais palavras a descreve Plínio, que acrescenta: ‘como se uma não lhe bastasse para descarregar seu veneno’. O “Tesouro” de Brunetto Latini – a enciclopédia que este recomendou a seu discípulo no sétimo círculo do Inferno – é menos lapidar e mais claro: ‘A Anfisbena é serpente com duas cabeças, uma em seu lugar e outra na cauda, e com as duas pode morder, e corre com ligeireza, e seus olhos brilham como candeias’. No século XVII, Sir Thomas Browne observou que não existe animal sem embaixo, em cima, na frente, atrás, esquerda e direita, e negou que pudesse existir a anfisbena, em que ambas as extremidades são anteriores. Anfisbena, em grego, quer dizer ‘que vai em duas direções’. Nas Antilhas e em certas regiões da América, o nome se aplica a um réptil habitualmente conhecido por *doble andadora*, por serpente de duas cabeças e por mãe-das-formigas. Diz-se que as formigas a sustentam. Também que, se a cortam em dois pedaços, estes se juntam. Às virtudes medicinais da anfisbena já foram celebradas por Plínio (p. 5, Editora Globo, sem data).

Eu vi a anfisbena, conservada em formol, antes encontrada viva por Marcelo Grassmann, que a ofereceu à Zizi. O lugar do achado se dera, algum tempo antes, nas matas de São Lourenço da Serra. *Se non è vero...*

Este número da Revista, com um eixo temático dedicado à Literatura e ao seu ensino, tenta, através dos diferentes artigos que o compõem, evidenciar a impossibilidade de se ensinar a vivência da coisa literária, transformando-a em necessidade, em carência, em urgência. Qualquer pessoa, dispondo de um mínimo de interesse e habilidade, pode ensinar e aprender conteúdos literários, mas a emergência do literário em um indivíduo não ocorre sem determinados dispositivos de intensidade, aos quais se chega através de mecanismos de ensino e aprendiza-

gem que dirigem os olhares, os interesses, as “antenas”, para esse instante único e efêmero da irrupção da ficção no cotidiano de cada um de nós.

Já que é impossível ensinar literatura, o professor, apesar e além de ensinar os conteúdos da assim chamada Literatura, vai se defrontar com um desafio maior que é o de ensinar a paixão pela ficção. Ensinar que o menor detalhe, o menor relance, lhe dá o lance de dados, o instante mágico em que o mais prosaico princípio de realidade tem seus “cinco segundos de glória” no real da ficção.

O ensino da literatura não é a literatura, já dizia Roland Barthes, mas aquele pode, muito bem, conduzir a esta, pelo viés de um *modus operandi* que “só” se aprende com muitos anos de prática e de amadurecimento. Proust já não recomendava o *pasticho*? Seu memorável “Pastiches et Mélanges” é o resultado dessa conduta e dessa fórmula retórica. Os latinos, da retórica clássica, já diziam *repetitio mater omnia studiorum* – a repetição é a mãe de todos os estudos (aprendizado). *Repetitio* enquanto prática e enquanto multiplicação de uma mesma função, *ad nauseam*... *Aut omnia*(te), autômato/autômata, *mil vezes malhar o ferro até (ele) se tornar um fio*, diz Mestre Wong, ensinando a prática da arte marcial (Taijiquan)...

Aos estudantes, que dizem não saber escrever, a fórmula, em alguns, surte efeito. Esta é, sem dúvida, uma das muitas/poucas alegrias de ser professor.

Durante os meses que este editorial percorreu, muitas foram as ocorrências e os acidentes/incidentes de percurso. Dentre estes, destaco o infortunado desaparecimento de Pierre Bourdieu, um dos raros intelectuais/professores que investiam libido e razão na escritura – a ironia sutil daqueles que, ora admirando, ora ironizando, sibilavam “a escritura bourdivine”, jogando com o *dieu* (deus), encapsulado em seu sobrenome, com certeza têm razão. Sua escritura, além de “bourdivina” assume, presumindo aquele lugar divino a que poucos têm acesso, o território das distinções das classes e estilos de vida. Mas, esta já é uma outra página da história; por que não, um outro número da Revista.

*A Bourdieu, que não tive o privilégio de conhecer pessoalmente,
dedico este ensaio.*

Uberaba/São Paulo/Campinas, setembro de 2001/ fevereiro/maio de 2002.

*Elisa Angotti Kossovitch**

* Professora Doutora, Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Diferenciação Sócio-Cultural (GEPEDISC) da FE – Unicamp